

Apropriação dos Bens Comuns e os Conflitos Sociais no Brasil

Sérgio Augusto Domingues

Como citar: DOMINGUES, S. A. Apropriação dos Bens Comuns e os Conflitos Sociais no Brasil. *In*: SIMONETTI, M. C. L. (org.). **Territórios, Movimentos Sociais e Políticas de Reforma Agrária no Brasil**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.45-52. DOI: <https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-714-2.p45-52>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

APROPRIAÇÃO DOS BENS COMUNS E OS CONFLITOS SOCIAIS NO BRASIL

Sérgio Augusto Domingues

“Não ande atrás de mim, talvez eu não saiba liderar. Não ande na minha frente, talvez eu não queira segui-lo. Ande ao meu lado, para podermos caminhar juntos,” (Provérbio Ute).

I

O meu ponto de vista é que não adianta mais insistir num discurso denunciativo sobre os desmandos do avanço da Economia Ocidental sobre os bens indígenas. Sabemos por certo que isto começou nos primeiros tempos. O jesuíta Antonio Vieira já denunciava estes desmandos e desde então pode-se dizer que nada mudou. Pelo contrário: só expandiu, cresceu e hoje como sabemos ameaça todo o planeta.

Assim o tem mostrado a experiência, pois sendo o Maranhão conquistado no ano de 1615, havendo achado os portugueses desta cidade de S. Luis até Gurupá mais de quinhentas povoações de índios, todas muito numerosas e algumas delas tanto, que deitavam quatro a cinco mil arcos, quando eu cheguei ao Maranhão, que foi no ano de 1652, tudo isto estava despovoadado, consumido, e reduzido a mui poucas aldeolas, de todas as quais não se pode André Vidal ajuntar oitocentos índios de armas, e toda aquela imensidade de gente se acabou ou nós a acabamos em pouco mais de trinta anos, sendo constante estimação dos mesmos conquistadores que, depois de sua entrada até aquele tempo, eram mostos dos ditos índios mais de dois milhões de almas, donde se devem notar muito duas coisas. A primeira,

que todos os índios eram naturais daquelas mesmas terras onde os achamos, com que se não pode atribuir tanta mortandade à mudança e diferença do clima, senão ao excessivo e desacostumado trabalho e à opressão com que eram tratados. A segunda, que neste mesmo tempo, estando os sertões abertos e fazendo-se contínuas entradas neles, foram também infinitos os cativos com que se enchiam as casas e as fazendas dos portugueses e tudo se consumiuem tão poucos anos. (VIEIRA, 1992, p. IX-X, grifo do autor).

Eduardo Viveiros de Castro, referindo-se a Levi-Strauss, sobre a obra deste mestre sobre a mitologia ameríndia, diz:

Outra coisa que eu queria fazer no livro era descrever a arquitetura das Mitológicas. Elas têm uma macroestrutura que, salvo engano, ninguém notou, em que o primeiro livro trata da origem do fogo de cozinha, isto é, da cultura, e o último livro, História de Lince, trata do fim da cultura, porque esse livro se organiza em torno de um mito de origem do homem branco – ou seja, um mito que narra o fim da cultura indígena, o fim da América indígena. Lévi-Strauss considera que a chegada dos europeus foi uma catástrofe irreparável, e que as culturas nativas americanas foram feridas de morte. A destruição da América indígena a partir do século XVI foi, para ele, uma espécie de ensaio geral para a destruição, ora em curso, do planeta pela civilização ocidental. Então eu acho que existe essa trajetória, do mito da origem do fogo ao mito do fim do mundo (do mundo indígena e, depois, do mundo todo). Não por acaso, o mito da origem dos brancos é uma inversão do mito da origem do fogo. (CASTRO, 2011, p. 11).

Enfim, para Viveiros de Castro Levi-Strauss estabelece um ciclo marcado por um mito que narra a origem do fogo de cozinha e por um outro que trata da origem do homem branco. Eu vou transcrever o mito Krahô sobre a origem do homem branco.

“Awkhê estava no ventre de sua mãe, quando começou a chamá-la para ir tomar banho. Sua mãe então o levou para o brejo para tomar banho, ele, então, saía de seu ventre como peixe, transformava-se em peixe, tomava banho, andava a vontade até enjoar, depois disso chamava sua mãe para ir embora. Chega então o tempo de Awkhê nascer, ele nasce sem dor. Sua mãe estava deitada durante a noite, quando percebeu já havia nascido. O menino depois que nasceu se transformou em uma grande cobra, sua mãe não acordou, quando ela percebeu se assustou, ela ficou com medo e jogou Awkhê longe, ela estava muito espantada, ele então cai e chora. Sua mãe pergunta para ele porque havia nascido daquela maneira, se pergun-

tando por que seu filho não nasceu normal. Ela então o pega novamente, lavando-o com água, amamentou e foi criando o menino.

Quando Awkhê estava na idade de 10 a 12 anos, ele começa a “fazer mal” com seus amigos. Chamava sua mãe para tomar banho, mandando ela chamar seus parentes e seus amigos para irem ao brejo. Foram então para o brejo chamado por Awkhê: “Vamos brincar no brejo!”. Seus irmãos e parentes iam à frente para se esconderem dele, ele então corria na frente e achava seus irmãos. Mas ninguém o achava. O menino se escondia por trás dos matos e se transformava em onça, seus irmãos, parentes e amigos procuravam por ele e quando achavam era a onça; ele então “rosnava”, todos se assustavam, sua mãe então reclamava com ele dizendo pra ele não fazer mais aquilo com seus amigos e irmãos, falava que eles tinham medo; ele então se transformava em índio novamente.

Depois disso, voltavam a tomar banho, brincavam [...] Awkhê então cresceu mais um pouco, tinha entre 15 e 18 anos. Os tios de Awkhê combinaram com seus avos, para matarem ele, todos ficaram certos de que Awkhê deveria morrer, porque se eles deixassem que ele crescesse daquela maneira, poderia fazer coisas ruins com seu povo. Chamaram ele para uma caçada [...] Awkhê foi com toda a turma para caçada. Quando chegaram debaixo de um morro muito alto seu avô lhe levou para cima deste morro, subiram os dois, chegando lá ele enganou Awkhê: “Vem meu neto vem vê um negócio lá em baixo!”. Quando foi olhar do que se tratava, foi empurrado, caiu, mas antes de chegar no chão ele encostou-se a uma folha de Sambaíba, e se transformou em uma folha seca desta planta caindo bem devagar, ali mesmo se transformou em gente novamente e foi embora para casa de sua mãe. Neste momento, fez com que surgisse uma espécie de cerca de pedra, cercando tudo que estava ao redor de seus tios que ainda permaneciam lá em cima. Não havia buraco para seus parentes saírem e voltarem para casa. [...] Tudo estava cercado de pedra, até quando deu umas 14h00min hora, todos ainda estavam presos com sede e fome, quando a mãe dele pergunta:

“Filho, cadê teus parente?”, ele falou:

“Não sei, eles ficaram lá, caçando!”.

[...] De onde ele estava olhou seus tios, e então pensou em fazer um buraco para eles saírem, evitando que eles morressem de sede e fome. Derrubou uma pedra para baixo, só então seus tios acharam o buraco e puderam sair. Chegando a tarde combinaram novamente em matar Awkhê, só que desta vez era queimado. Awkhê já havia escutado a combinação, já sabia o que iria acontecer. Contou, então para sua mãe que seus tios agora iriam lhe matar realmente, que eles iriam lhe queimar.[...] falou então para sua mãe não chorar, que ele iria voltar a viver quando seus

tios o matassem, mandou que sua mãe fosse até o local de suas cinzas e juntasse tudo, tirando *algodão para fazer o fio do algodão, coloca em cima, para ele tornar a viver.*[...] *pegou urucu passou no corpo, ficou todo vermelho.*[...] *Quando Awkhê chegou levaram ele para frente onde haviam feito um fogo para todos: “Vai encosta-se ao fogo para se esquentar e matar caça mais rápido!”*, eles o enganaram. *Todos se juntaram e empurraram-no para cima do fogo, quando ele caiu dentro do fogo, fizeram mais “coivara” para poder queimar bem. [...] sua mãe foi onde estava a cinza para juntá-la com fio de algodão. Quando ela terminou de fazer o que Awkhê havia dito, saiu atrás dos outros que haviam se mudado. Passaram-se uns dias para ela retornar até o lugar da morte de seu filho. Quando ela retorna, acha uma casa muito bonita, ele havia voltado a viver novamente. Awkhê ficou na porta esperando sua mãe, mas ela ficou com medo dele, ela, então, começou a chorar e ele pediu para ela parar de chorar.*

Deu comida para sua mãe, neste momento, fez a “espingarda” e o arco. Fez a catana, o facão. Fez o arco e outros materiais dos índios. A mãe dele ficou sentada numa sombra, ele pegou o arco para atirar nela, testá-lo, se era mais rápido do que a espingarda. [...] Os outros índios mandaram um rapaz para tentar achar a mãe de Awkhê e explicar o que estava acontecendo. Já tinha muito gado ao redor da casa de Awkhê, todos para dar para os índios criarem. O rapaz veio viu o gado ficou com medo e voltou para contar que tinha visto bichos. Mandaram outro rapaz, este então viu Awkhê vivo, sua mãe sorrindo, viu o gado. Voltou imediatamente e contou o que viu, que Awkhê havia tornado a viver. Todos concordaram vieram onde ele. Quando chegaram conversaram com Awkhê, neste momento chegaram também os “civilizados”, tinha chegado os “brancos”. Awkhê colocou a espingarda e arco um do lado do outro: “O que vocês vão querer essa ou essa (espingarda ou arco)? Experimentaram o arco bonito bem feito, “era calado”. Pegaram na espingarda, escutaram estralo e disseram que aquilo matava gente. Os homens perguntaram para as mulheres qual elas queriam e elas responderam que queriam a espingarda. Awkhê pegou e carregou a espingarda e atirou:

“POU!” (barulho da espingarda), todo mundo caiu no chão rolando, com medo, espantou todos eles. Pegou o arco e jogou: “CHUA!”(barulho do arco), caiu lá calado, longe, e todo mundo não sentiu nada, e gostaram do arco. Awkhê disse que tinha oferecido o melhor para eles, mas os mesmos não queriam nada: “vocês viverão todo tempo do mesmo jeito, sem nada, em vez de vocês ficarem com a espingarda. Arco não vai levar vocês pra frente, agora espingarda vai levar, vocês terão mais rendas, agora vão ficar desse jeito sem recursos nenhum!”

Auké é um desastre. Desarruma as relações internas da aldeia e finalmente institui um novo modo de viver representado pela fazenda, pelo gado, e pela escravidão. De acordo com esta perspectiva, pode-se ver que os povos indígenas tem uma percepção bem nítida do “processo civilizatório”.

Rondon e o humanismo piedoso da esquerda clássica e ocidental sempre tratou os indígenas como irrazoáveis e portanto carentes de soluções próprias. O modelo indigenista clássico e atualmente totalmente falido sempre foi quem construiu soluções para os índios. A idéia de pacificação sempre foi uma idéia violenta porque pressupõe uma relação assimétrica onde o lado débil, além de ser débil é perigoso e violento.

O índio é perigoso, ignorante. Vive neste mundo por acaso... É um resíduo e tb. um ruído do fundo de um processo civilizatório que por conta do seu dinamismo interno tende sempre a desenvolver-se para condições superiores. É o desenvolvimento. O desenvolvimentismo.

Auké, desfaz tudo. Faz inclusive o tio, irmão da mãe, tentar assassiná-lo. Faz todo o seu grupo insistir em matá-lo. Não conseguem... Auké é poderoso. Auké é um grande produtor de objetos, coisas, enfim, mercadorias e ambientes que implicam sempre em destruições do ambiente local. Do ponto de vista krahô, o “garimpeiro” é uma das formas deste personagem metafórfico que é Auké.

Foi ele que inventou o gado tirando propriedades de uma árvore. Foi ele quem inventou o negro escravo a partir de propriedades negras de uma árvore. Como pode-se ver, os krahô e outros grupos desde sempre perceberam o “homem branco” como predadores uma vez que para se fazer como fazendeiros ou garimpeiros ou qualquer outra forma branca de viver e agir foi necessário a apropriação de propriedades das florestas, ou cerrados.

Quem primeiro evidenciou a relação entre o mito da origem do fogo, e portanto a origem da cultura humana, e o surgimento do homem branco foi Roberto da Matta, para o caso do mito de Auké. Depois, em História de Lince, Lévi-Strauss mostra que existe uma relação estrutural entre o mito de Auké e o mito cosmogônico Tupinampá recolhido por André Thevet, em meados do século XVI.

Assim, observa-se que o homem branco consta nos mitos ameríndios desde o início da ocupação européia. Lévi-Strauss argumenta que

os brancos estavam contidos virtualmente, isto é, estavam previstos, formal senão historicamente, em uma estrutura constitutiva do pensamento indígena: um operador dicotômico que faz com que toda posição de um termo seja inseparável da contraposição, tratada como pressuposição, de um termo contrário. No mito tupinambá, a criação dos índios implica a criação dos não-índios. A realidade virtual dos brancos no corpus mitológico pré-colombiano não significa uma oposição meramente ‘distintiva’, estática e autocontida, entre índios e brancos. O princípio dicotômico do mito tupinambá é um princípio recursivo: as dualidades que ele põe em cena são vistas por Lévi-Strauss como sintomáticas de um “dualismo em desequilíbrio perpétuo” próprio das cosmologias ameríndias. (LÉVI-STRAUSS, 1991, p. 90-91).

No mito de Auké pode-se observar que os velhos recusam os bens dos brancos tais como a espingarda, roupas e outros bens. Somente os jovens são seduzidos por estes bens. Mas, de qualquer forma, os velhos retornaram para as suas aldeias e as coisas continuaram como sempre foram, isto é, opondo índios e brancos como dois estilos de filosofia de vida.

A superioridade técnica do homem branco, no entanto, destila uma infinita inferioridade social (ética ou subjetiva): “*são quase imortais, mas são bestiais; são engenhosos, mas estúpidos; escrevem, mas esquecem; produzem objetos maravilhosos, mas destroem o mundo e a vida...*”

II

Mas, se o problema da origem dos brancos está inscrito na complexa rede mítica dos ameríndios, não se sabe como estes ameríndios pensam, ou não se sabe direito, como pensam o destino deles próprios. Nos krahô entre o final dos anos 50 e início dos anos 60 explodiu um movimento que foi chamado de messiânico onde o vetor mobilizador do movimento foi a transformação dos índios em brancos. Mas este vetor também explodiu e ficou claro para os krahô que o destino dos brancos não é o deles.

O devir branco não pegou nos krahô e o messianismo faliu, mas permitiu uma conclusão que o pensador Aleixo Porri sempre alardeou para

todos os cantos a seguinte idéia: o desafio que se põe aos índios consiste em saber se é realmente possível utilizar a potência tecnológica dos brancos, isto é, seu modo de objetivação - sua cultura -, sem se deixar envenenar por sua absurda violência.

O falecido velho Aleixo Porri, um krahô amigo, respondia intempestivamente a essa questão: a cultura do kupen (o homem branco) expressa seu modo de viver, e por aí não há saída para o índio.

Os krahô quando meditam sobre o mito de Auké, pelo menos nas meditações que estive presente nos anos 80, sempre destacam a importância dos anciões que preferiram voltar para as suas aldeias à se deixar fetichizar pelas mercadorias oferecidas por Auké. Ao contrário do “messianismo krahô” onde o profeta Txórtxó (José Nogueira) promete uma chuva de mercadorias sobre as aldeias e quando estou aqui falando de chuva, literalmente é disto que se trata. O profeta profetizou para o seu povo que em um determinado dia choveria abundantemente, e tudo vindo do céu, mercadorias variadas para a virada derradeira dos índios em brancos.

Evidentemente que neste pequeno ensaio não é possível mostrar a densidade mítico-reflexiva gerada pela presença do homem europeu. Claude Lévi-Strauss mostra que os mitos já refletiam sobre este personagem desde os primórdios da ocupação. Porque, desde os primórdios da ocupação a dualidade índios x não índios já destacava, como bem mostra o padre Vieira o desequilíbrio entre um termo e outro. Os não índios dominando os índios, gerando um imenso desequilíbrio entre os dois polos. Então o conflito também já está inscrito no mito. O desequilíbrio dos polos: os brancos contém um saber técnico poderoso. E isto fascina os índios. Os jovens ficam totalmente fetichizados por este poder. Por isso, que o trabalho do cacique, dos velhos, cotidianamente, ou como em algum texto de Pierre Clastres, não lembro qual, um chefe diz: Ufa! Mas um dia de paz. Hoje, os chefes, os velhos, as mulheres, enfim, um conjunto, um coletivo, se volta para a repetição. Um eterno retorno da diferença. Este é o campo transcendental. Somos índios, é a diferença, é a árdua afirmação de um devir.

Existe uma história kuikuro que narra uma situação onde o contato não foi suficiente para impedir a morte trazida pelos brancos, na forma da doença e do feitiço. Quando não matam diretamente, fazem-no

por procuração, presenteando-os com objetos cortantes tais como facas, machados tesouras. Davi Kopenawa descreve minuciosamente o mesmo encadeamento sinistro: a cultura dos brancos é mortífera. Ninguém melhor que nós, portanto, para ilustrar a morte como condição.

REFERÊNCIAS

CASTRO, E. V. *Do mito grego ao mito ameríndio: uma entrevista sobre Lévi-Strauss*. Entrevistador: Elsje Lagrou. *Sociologia e Antropologia*, v. , p. 9-33, 2011. Disponível em: http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2015/03/1-ano1v2_artigo_elsje-lagrou-luisa-belaunde.pdf >. Acesso em: 22 out. 2013.

DA MATTA, R. Mito e antimito entre os Timbira. In: C. LÉVI-STRAUSS, C. et al (Org.). *Mito e linguagem social: ensaios de antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970. p. 77-106.

HUGH-JONES, S. “The gun and the bow: myths of white men and Indians.” *L’Homme*, v. 26, n. 106/107, p. 138-155, 1988.

LÉVI-STRAUSS, C. *Histoire de Lynx*. Paris: Plon, 1991 (pp. 90-91).

_____. *Le cru et le cuit*. Paris: Plon, 1964. Parte 3.

VIEIRA, A. Escritos instrumentais sobre os índios. Seleção de textos de Claudio Giordano. Ensaio introdutório de José Carlos Sebe Bom Meihy. São Paulo: Educ; Loyola, 1992.